

Baixada Santista cada vez mais quente

Estudo da Secretaria de Infraestrutura e Meio Ambiente do Estado mostra aumento médio previsto de 1,5°C a 2°C até o ano de 2050

TED SARTORI
COLABORADOR

A Baixada Santista deve ficar mais quente até a metade do século, literalmente. O aumento médio previsto da temperatura até o ano de 2050 vai de 1,5°C a 2°C. Esta é uma das conclusões do estudo desenvolvido pela Secretaria de Infraestrutura e Meio Ambiente do Estado (Sima), com recorte exclusivo para a região, em parceria com a agência alemã Deutsche Gesellschaft für Internationale Zusammenarbeit (GIZ), dentro do Projeto Apoio ao Brasil na Implantação da sua Agenda Nacional de Adaptação à Mudança do Clima (Pro Adapta).

"A porção sul (Itanhaém, Mongaguá e Peruíbe) tende a ser mais quente que as demais, porém o que preocupa mais são as temperaturas máximas, os dias mais quentes. Se a gente olha para o fim do século, isso pode ficar em torno de 3 a 5 graus mais quente nos dias que já são extremamente quentes", afirma Pedro Camarinha, pesquisador na área de Mudanças Climáticas, Impactos, Vulnerabilidade e Adaptação e um dos autores do estudo.

Camarinha, que também representou o Centro Nacional de Monitoramento e Alertas de Desastres Naturais (Cemaden), foi dos convidados do fórum A Região em Pauta, realizado na tarde de ontem no auditório do Grupo Tribuna, em San-



A Região em Pauta, realizado na tarde de ontem no auditório do Grupo Tribuna, teve como tema Mudanças Climáticas e a Baixada Santista, com mediação de Arminda Augusto

tos. O tema foi Mudanças Climáticas e a Baixada Santista, com mediação da jornalista Arminda Augusto, gerente de Projetos e Relações Institucionais do Grupo Tribuna.

Camarinha integrou o primeiro painel, com o título A temperatura está subindo?, junto com Ronaldo Christofolletti, professor e pesquisador do campus Bai-

xada Santista da Unifesp, e Eduardo Trani, secretário-adjunto da Secretaria de Infraestrutura e Meio Ambiente do Estado.

"Não há outro caminho que não seja fazermos uma política de mitigação das consequências do efeito estufa. São Paulo e o Brasil não fizeram, de modo geral, o que deveriam ter feito em décadas. Estamos discu-

tando e convidando a sociedade para discutir um plano de ação climática para o Estado, que estará pronto até o fim de agosto", afirma Trani. Chegar à condição de carbono zero até 2050 e resiliência são as metas, de acordo com organismos internacionais.

OCEANOS
Dentro desse processo, Ro-

naldo Christofolletti falou a respeito de um componente ligado diretamente à realidade da Baixada Santista: os oceanos e sua importância dentro das mudanças climáticas ao longo do tempo.

"A responsabilidade de absorver esse carbono está em um oceano saudável. Quando isso se degrada, também tira esse balanço

da retirada de gás carbônico da atmosfera. Se existe alguma alteração nas correntes do mar, o processo ganha uma complexidade maior. Se nós vivemos em um forno, os continentes são a comida, em cozimento em banho-maria. Essa água que dá estabilidade é o oceano. Se isso se altera, tudo vai por água abaixo", exemplifica.

CLIMA



"Parte da Baixada deve ter maior quantidade de eventos (climáticos) e cada vez mais severos, sejam chuvas e dias mais quentes"

Pedro Camarinha
Pesquisador na área de Mudanças Climáticas, Impactos, Vulnerabilidade e Adaptação

MITIGAÇÃO



"Não há outro caminho que não seja fazermos uma política de mitigação das consequências do efeito estufa"

Eduardo Trani,
Secretário-adjunto da Secretaria de Infraestrutura e Meio Ambiente do Estado de São Paulo

EXEMPLO



"Se nós vivemos em um forno, os continentes são a comida, em cozimento em banho-maria. Essa água que dá estabilidade é o oceano"

Ronaldo Christofolletti
Professor e pesquisador do campus Baixada Santista da Unifesp

SAÚDE



"Em um ambiente urbano como o de Santos, a saúde também está ligada às condições que damos e criamos para que possamos viver melhor"

Marcos Libório
Secretário de Meio Ambiente de Santos

RISCO



"Quem mora nas áreas (de risco) tem de aprender a identificar sinais de escorregamento. Nos casos mais críticos, removemos as famílias"

Daniel Onias
Coordenador da Defesa Civil de Santos

ALGAS



"Na bioeconomia azul, aproveita-se algas em questões nutricionais. É algo bastante explorado"

Angélica Rotondaro
Diretora-executiva da Alimi Impact Ventures, consultoria focada em trazer escalabilidade para o investimento sustentável no Brasil

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal A Tribuna - Santos/SP

Seção: Cidades Caderno: A Pagina: 3